

<b>Veículo: O Liberal</b>		
<b>Data:</b> 19 e 20/11/2016	<b>Caderno:</b> Atualidades	<b>Página:</b> 39
<b>Assunto:</b> Jornal		
<b>Tipo:</b> Notícia	<b>Ação:</b> Espontânea	<b>Classificação:</b> Positiva

## Jornal sobrevive aos anos de chumbo

### ANOS 60 E 70

Na ditadura militar, O LIBERAL destaca as prisões de jovens estudantes no Pará

**VALÉRIA NASCIMENTO**  
Da Redação

**O** LIBERAL revelou para seus leitores o furor que a atriz francesa Brigitte Bardot, de biquíni, causou nas praias de Búzios (RJ) nos anos 60, e não deixou de noticiar, também, a "Agonia e morte de Churchill". Essa era a manchete do texto sobre a morte do líder inglês em janeiro de 1965, aos 90 anos, celebrado por evitar a invasão da Grã-Bretanha pelas tropas da Alemanha nazista. Aos poucos, o jornal se modernizava. Em 1961, divulga mobilizações sociais em Icoaraci, onde moradores reclamam do novo traçado para o trajeto dos ônibus e os empresários ameaçavam parar por causa da precariedade das ruas. Nos Esportes, o couro continua rolando junto à grama, como escreviam os redatores sobre a bola em campo falando sobre "o onze (time) do Remo e o onze do Paysandu". Surgem colunas, como a "Panorama político", "Flashes do momento", e a cobertura segue narrando crise no governo brasileiro e a guerra fria entre EUA e Cuba.

É a partir dos anos 70 que OLIBERAL cresce rapidamente. A edição dupla de sábado e domingo, daqueles 3 e 4 de janeiro de 1970, respectivamente, trazia 88 páginas em onze cadernos, ao preço de 50 centavos. Nessa década o jor-



Militares reprimem os manifestantes nas grandes cidades na década de 70

nal dará um salto tecnológico, tirando de cena o linotipo (composição a quente) para a fotocomposição (composição a frio), iniciando um arrojado projeto gráfico. As fotos terão legendas em formato jornalístico, curtas e informativas. Os cadernos, cada vez mais imagens. Avanços que serão consolidados nos anos 80. A ditadura militar atinge seu período mais violento na década de 1970.

Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ), o paraense Raymundo Heraldo Maués comenta o cenário. "A nova ditadura que sofremos entre 1964 e 1985, quando nos foram impostos vários presidentes militares, foi quando muitos crimes foram cometidos contra grande quantidade de cidadãos. Alguns deles nem mesmo tiveram seus corpos encontrados para um



**Roberto Corrêa, cientista político: "subversivo"**

sepultamento digno, depois das torturas a que foram submetidos. Aqui no Pará, muitos foram presos e torturados, professores universitários foram demitidos sumariamente, por simples suspeita de serem contra o regime",

recorda o antropólogo, que em 2010 recebeu da Universidade Federal do Pará (UFPA) o título de professor emérito conferido a professores que se distinguiram no exercício da atividade acadêmica e em relevantes serviços à ciência



e à instituição. Ele considera que o Brasil viveu suas primeiras ditaduras militares logo após o final do Império, com a chamada “Proclamação da República”, sob o comando do “Generalíssimo” Deodoro da Fonseca e, em seguida, sob o general Floriano Peixoto, e ainda a ditadura de Getúlio Vargas, personagem controverso da história brasileira.

Recém-graduado, o jovem cientista político paraense, Roberto Ribeiro Corrêa foi apontado como subversivo pelos órgãos de informação nos anos 60. Segundo o Serviço Nacional de Informações (SNI), criado para supervisionar e coordenar as atividades de informações e contrainformações no Brasil e exterior, Roberto atuou com destaque de liderança no meio estudantil secundarista, universitário e sindical, considerado um dos responsáveis pela edição do semanário “O Papagaio”, órgão de imprensa do Diretório Acadêmico de Economia, ao lado de outros dirigentes estudantis universitários, a exemplo de Sebastião da Silva Ramalho, Aleksey Turenko, Hélio Santana Mairata Gomes, Raimundo Garcia Cota, João Capiberibe (hoje Senador da República pelo Amapá), Edson Roffé Borges, entre outros citados no dossiê sobre o cientista.

Corrêa relembra, por exemplo, que uma contribuição importante de O LIBERAL à

## Registro das detenções ajuda as famílias a localizarem os seus presos

época era registrar a prisão de jovens belenenses pelo regime militar. O registro de detenções arbitrárias, oficializava os episódios de perseguição e repressão, ajudando familiares e amigos a buscarem informações junto aos órgãos competentes, comentou

o cientista político. A sessão de julgamento dele no antigo prédio da Auditoria Militar, à época situado no primeiro quarteirão da avenida Governador José Malcher, foi acompanhada pela jornalista Regina

Alves, que foi uma das primeiras repórteres contratadas por O LIBERAL e que segue como professora do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação (Facom) da UFPA.

“No início dos anos 60, Belém, como de resto todo o Brasil, vivia uma efervescência política e cultural. Seminários, congressos, cine-clubes, teatro amador, salões de arte, tudo isso e muito mais compunha a cena do despertar de uma geração ávida de saber e que, superando a anterior, que se autodenominara de transviada, desejava, ardentemente, participar do processo de mudanças estruturais que ocorria em todo o mundo do pós-guerra”, observou o cientista sobre sua geração.

